

As narrativas autobiográficas de crianças e a formação do pedagogo

*Déborah de Sousa Avelino
Andrea Abreu Astigarraga*

Introdução

O que legitima o poder de participação das crianças no ambiente escolar, quando ela produz um conhecimento reflexivo do mundo e de si mesma, ao mesmo tempo que lhe é negada a sua voz? Entendemos que as crianças relatam, no ambiente escolar, seu cotidiano, ao narrar suas relações com o outro. Essa escuta permite compreender: seus comportamentos, histórias, gostos, sentimentos e afetos entre outras dimensões, elementos significativos para serem explorados em sala de aula, o que de fato seria relevante no processo educativo da criança nos anos pré-escolares, promovendo a ampliação de suas experiências e conhecimentos.

Ao ingressar na escola, as crianças trazem um repertório de experiências vividas no cotidiano, mas que, nem sempre, são consideradas significativas em sala de aula. A escola, no processo de socialização, assume um discurso avaliativo dos conhecimentos transmitidos. E as atividades desenvolvidas utilizam predominantemente a memorização e a reprodução de conteúdo. Por outro lado, em meio a essa proposta, se houver uma relação afetiva de escuta sensível do educador para com o educando, poderá haver a possibilidade de romper com esse processo mecanicista.

Este estudo tem por objetivo descrever e analisar a minha prática docente na turma do infantil III, em uma escola pública, no município de Sobral – Ceará. Esta experiência docente iniciou no início do ano de 2017 e está tendo continuidade até então. Atuo como estagiária na educação infantil, da rede pública municipal de Sobral.

Ao mesmo tempo, sou acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú–UVA e integrante do Grupo

de Estudos e Pesquisas Autobiográficas- GEPAS, onde este estudo foi gestado. O GEPAS se insere no projeto: *Narrativas da infância: O que contam as crianças sobre a escola e os professores sobre a infância?* – [UFRN|UFPE|UNICID|UNIFESP|UFF|UFRR|UVA], coordenado pela Profa. Dra. Maria da Conceição Passeggi – GRIFARS.

A secretaria de educação do município de Sobral adquiriu destaque nacional com a proposta política pedagógica baseada em resultados. Mesmo que as avaliações externas sejam aplicadas nas turmas de Infantil V, observo seus reflexos na minha prática docente, no cotidiano das crianças. Pois, no Infantil III, elas são *treinadas* na aquisição da leitura e escrita para serem preparadas para a avaliação externa no Infantil V. Em que medida esta proposta da prefeitura de Sobral propicia a escuta sensível da realidade familiar e emocional das crianças?

Abordarei a pesquisa sob duas perspectivas: a primeira, a partir das narrativas orais, espontâneas das crianças da turma; e a segunda, sob o meu olhar a respeito dessas narrativas das crianças que sistematizei por escrito. Trata-se de uma abordagem da pesquisa qualitativa, com enfoque no processo formativo educacional da criança e, ao mesmo tempo, na minha formação docente, a partir da reflexão de minha prática.

A minha inserção no contexto da pesquisa se deu a partir do vínculo de estágio remunerado paralelamente ao estágio supervisionado obrigatório na educação infantil, na mesma instituição, estabelecido entre Prefeitura Municipal de Sobral (PMS), Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e UVA.

A minha atuação me permitiu compreender como acontece o processo de ensino aprendizagem em uma sala de aula do infantil III, com crianças entre três e quatro anos de idade. A sala possui uma professora e uma estagiária para educar e cuidar de vinte e sete crianças. As crianças são oriundas de famílias de baixa renda, com rendimento mensal de basicamente um salário mínimo. Sendo assim, a grande maioria é beneficiária dos programas governamentais, como por exemplo, o Programa Bolsa Família, entre outros.

A partir dessa experiência no campo de estágio, foi possível ouvir as crianças e construir as narrativas e um diálogo reflexivo entre a prática educativa e a minha identidade como pedagoga, em processo de formação.

1. Contexto da proposta político-pedagógica de Sobral: em busca de resultados numéricos

Segundo o Ministério da Educação do Brasil (MEC), a Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos.

As metas propostas por estes documentos, acima mencionados, são avaliadas pelo Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), uma iniciativa internacional de avaliação comparada. No Brasil, ele é coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Os programas nacionais e internacionais que norteiam as políticas públicas educacionais visam à obtenção de notas através de metas e, sendo assim, a avaliação em larga escala na educação básica ganhou grande centralidade – do controle de resultados à intervenção nos processos de operacionalização do ensino – no Brasil, nos últimos anos.

Em que medida a proposta política educacional de Sobral atende às diretrizes que norteiam a educação infantil, tais como, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) que priorizam o desenvolvimento integral das crianças por meio das atividades lúdicas e interdisciplinares, respeitando o tempo de aprendizagem de cada criança? Conforme o sistema educacional vigente no município de Sobral, as crianças do infantil III são cobradas a realizar, ao longo do ano letivo, tarefas como escrever o prenome (o nome próprio de cada aluno).

Nas escolas do município de Sobral a proposta político pedagógica possui uma visão metódica de avaliação por resultados e com intenção na obtenção de prêmios, tais como, abono salarial aos professores e núcleo gestor. Embora isso ocorra com menos frequência na educação infantil, acaba produzindo, desde cedo, nas professoras e nas crianças, a ideia da avaliação e da necessidade de um bom desempenho a *todo custo*. (ASTIGARRAGA; GOMES; FERREIRA, 2017, p. 290).

Nessa perspectiva, é notório a comunidade escolar priorizar habilidades e conteúdos na educação infantil com a finalidade de atingir resultados nos anos iniciais da educação básica. Essa prática na educação infantil permite intervir na metodologia da escola, no período anterior às avaliações nacionais para avaliar o rendimento e desempenho dos alunos, o que reforça a avaliação de conteúdo.

Outros elementos não são analisados ou estimulados nos alunos, como por exemplo, compreender os contextos das crianças, a diversidade cultural dentro da sala de aula, pois estes elementos trazem informações necessárias a serem trabalhadas para estimular a emancipação e a formação da identidade no indivíduo.

2. Narrativas autobiográficas com as crianças

Partindo desse pressuposto, observamos a contribuição do estudo autobiográfico, que permite através das narrativas infantis, compreender como as crianças narram suas experiências durante sua permanência na educação infantil e como constroem sua própria narrativa a partir do cotidiano.

O método autobiográfico constitui-se em observar e acompanhar as crianças ao narrar suas vivências, no contexto escolar, construídas a partir da interação entre aluno e professor, no processo de formação de ambos os envolvidos, narradores e formadores. Desse modo, essas experiências são possíveis por meio da oralidade expressa no espaço escolar pela própria criança e a professora estagiária, a partir das interações sociais, possibilitando a construção da existência de si e das aprendizagens vivenciadas no coletivo, o que se constitui de modo singular para cada criança na sua constituição histórica, social e subjetiva.

A pesquisa com crianças e professoras é aqui entendida como aquela que privilegia metodologias interativas horizontais e dialógicas entre os participantes e focalizam as (re)interpretações que as pessoas fazem dos acontecimentos na vida, seja na escola, seja fora dela. (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016, p. 115).

A pesquisa autobiográfica é o estudo das narrativas das escritas de si e resgata as experiências de vida por meio das memórias, histórias

e práticas de formação, permitindo ao sujeito narrar sua própria história em todos os aspectos, tempos e espaços que compõem o processo de emancipação educativa.

Uma das propostas da pesquisa autobiográfica é auxiliar os sujeitos a analisar e interpretar o trajeto de vida de sua própria narrativa e, a partir das memórias, realizar uma reconstrução reflexiva do ponto de vista pessoal e social do narrador. Auxilia a construir uma consciência crítica dos sujeitos pesquisados para permear o processo de formação no curso de pedagogia na trajetória formativa. Segundo Delory-Momberger (2008), é preciso tomar como tarefa educativa:

[...] pensar o *biográfico* como uma das formas privilegiadas da atividade mental e reflexiva, segundo a qual o ser humano se representa e compreende a si mesmo no seio do seu ambiente social e histórico. Nesse sentido, somos levados a definir o biográfico como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.26).

É nessa perspectiva que as narrativas autobiográficas apontam elementos significativos no processo educativo do sujeito, possibilitando, através de suas experiências formativas, compreender sua relação com o mundo e a consciência do eu. O sujeito constrói sua própria narrativa e reflete sobre suas próprias experiências, vivências e aprendizagens, atribuindo-lhes um novo significado. Nessa abordagem de pensamento, a autobiografia possibilita a compreensão das circunstâncias no espaço-tempo e suas relações coletivas e individuais que compõem as narrativas de vida. Dessa forma, as narrativas de si provocam um processo educativo a partir de sua história de vida e das dimensões pessoais, profissionais e relacionais que, por sua vez, desenvolvem no sujeito uma análise e interpretação no seu processo formativo.

Além de sinalizar o quanto a escolarização, com seus aspectos agradáveis e traumatizantes, está prestes a ressurgir a qualquer idade, sob o menor estímulo, observou-se que essas lembranças falam mais das emoções das relações com o outro e com a cultura escolar, do que da aprendizagem dos conteúdos (PASSEGGI, 2014, p. 138).

3. Procedimentos metodológicos

As contribuições aqui descritas são inspiradas nas pesquisas a partir das narrativas com crianças, coordenadas por Passeggi (2014) e relatadas na obra: *Infância, aprendizagem e exercício da escrita*. Para realizar sua pesquisa, Passeggi adotou como protocolo as rodas de conversa nas escolas, com grupos de 3 a 5 crianças, a pesquisadora e um boneco representando um alienígena (Alien), para que as crianças descrevessem suas percepções acerca da escola e de como elas determinam sua compreensão com o mundo social.

A nossa pesquisa, aconteceu numa perspectiva metodológica baseada na etnografia escolar, ou seja, a partir da observação participante, de diálogos espontâneos registrados em diários de campo, em que as crianças procuravam a professora estagiária durante as atividades de rotina da escrita do prenome, demonstrando pouco interesse na atividade planejada e desenvolvida pela professora regente da turma. Seus interesses maiores eram narrar suas percepções sobre os conflitos familiares, tais como, uso de drogas e questões de gênero.

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela. Do ponto de vista da pesquisa com crianças, essa perspectiva está em consonância com a Convenção sobre os Direitos da Criança, de 1990, que em seu Art. 12, assegura a todas as crianças, em função da idade e maturidade, o direito de expressar suas opiniões livremente e, sobretudo, o direito de serem ouvidas, sobre assuntos que lhes dizem respeito. (Brasil, 1990 apud. PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016, p. 114).

Nesse contexto, compreendemos a importância da pesquisa autobiográfica com as narrativas infantis, legitimando os direitos e deveres sobre as políticas voltadas para os direitos das crianças e defesa da infância, garantindo que sua voz seja ouvida e reconhecida como sujeito de direito, capaz de refletir sobre as situações cotidianas no ambiente familiar, através de suas narrativas, conjunto de iniciativas que amplia a participação e incorpora o caráter democrático quando as crianças participam desse processo dialógico.

Ao perceber que as crianças sentem a necessidade de serem ouvidas, notou-se que suas vozes são negadas, o que reflete uma incoerência com a função das instituições de educação formal, assumindo posturas de negação, quando desconsidera a participação infantil através de suas percepções cotidianas, por meio de suas vozes em diferentes espaços de aprendizagem. É comum, neste contexto, presenciar a ausência ou a insuficiência dos direitos nos processos de formação e participação das crianças, quanto ao seu direito à liberdade de expressão, o direito de serem ouvidas e de suas opiniões serem significativas durante o processo de socialização enquanto sujeitos em desenvolvimento, direitos que são silenciados e inferiorizados nos espaços de formação.

4. Reflexões sobre as narrativas das crianças e sobre minha prática docente

A partir das narrativas realizadas pelas crianças, estas constroem elementos significativos relevantes na aquisição da leitura e escrita, compartilhando suas vivências pessoais e necessidades de comunicar-se com o outro. Assim a criança reconhece e estabelece uma relação com a realidade e é capaz de interpretar as informações organizadas no processo de formação e autonomia da identidade. As narrativas de vida dos indivíduos estão relacionadas com os ambientes de socialização (família, escola, igreja, sociedade entre outros) onde se constroem as experiências da identidade formativa das crianças. Este sentimento de pertença contribui para a construção do sujeito, inclusive sua compreensão da realidade como sujeito capaz de narrar seu cotidiano, assumindo uma postura de *agente*.

O modo como os alunos vivem, representam e significam a escola e o que fazem ali não pode deixar de corresponder, sob ângulos e formas diversas, ao modo como eles próprios *se narram* e o que eles narram sobre si mesmos. Essa *correspondência* assume vários aspectos complementares. Por um lado, a escola, como meio social organizado e especificado nas suas tarefas e suas funções, entra em relação com uma história individual que tem sua origem antes dela, história que se manifesta num leque de determinações, representações e projeções coletivas e individuais. (DELORY- MOMBERGER, 2008, p.114-115).

A escola é um espaço que pode e deve proporcionar um ambiente para o convívio social e estimular as interações sociais com as outras crianças e com o mundo. Esse processo de aprendizagem possibilita nas crianças inúmeras experiências que vão construindo as narrativas de sua história de vida. Assim, elas conseguem representar e dar significado às suas descobertas. A escola, por sua vez, intervém na trajetória dos alunos, durante sua permanência nos anos escolares. Ela estabelece critérios avaliativos que determinam, a partir do desempenho escolar dos alunos, suas possibilidades e fracassos durante sua trajetória de vida.

Através das narrativas no âmbito escolar, as crianças manifestam seus pensamentos e sentimentos, enquanto sujeitos no processo de assimilar tais comportamentos de convivência, impostos pela escola. Essas expressões permitem ao aluno desenvolver suas habilidades de questionar e sua capacidade de dialogar momentos de seu cotidiano com a professora estagiária, conforme suas experiências e vivências de vida. Essa competência amplia no universo infantil o processo de construção de sua personalidade. Nas suas relações pessoais e coletivas, proporciona a solução de conflitos e um espaço de aprendizagem na formação do sujeito.

Nossa reflexão se baseia em resultados de pesquisas em que buscamos compreender *com* as crianças, as relações que elas estabelecem com o mundo escolar e analisar como negociam os sentidos, as normas, os ritmos e valores das instituições educativas que as acolhem na promoção de sua formação intelectual e cidadã. (PASSEGGI, 2014, pag. 134).

É na instituição escolar que se destacam os processos de construção das narrativas infantis como sendo uma das capacidades de comunicação que as crianças desenvolvem a partir de suas experiências com seu meio social e cultural: elas interpretam e representam a sua realidade por meio das práticas sociais. Dessa forma os alunos são capazes de construir a dimensão tempo-espaço, de acordo com sua inserção e participação nos espaços sociais.

No ato de biografar-se, contar suas próprias expressões, a criança operacionaliza as ações *de lembrar, de refletir, projetar-se no futuro e encontrar alternativas*, que incidem sobremaneira sobre seu desenvolvimento como ser social e histórico. No entanto, observamos que ainda não

exploramos suficientemente essas ações, talvez porque não tratem de conteúdos escolares, currículos, programas, considerados mais objetivos, ou simplesmente porque não sabemos como lidar ainda com elas e por isso são frequentemente relegadas a um segundo plano. (PASSEGGI, 2014, p. 140, *italico do autor*).

Assim as narrativas tendem a desenvolver o pensar na infância, criando e recriando o conhecimento nos alunos. Essas ações favorecem uma aprendizagem significativa nas relações sociais e na sua relação com o mundo, associando-as com suas histórias de vida.

As reflexões analisadas neste texto são resultados das falas das crianças durante as atividades de rotina em sala de aula, no infantil III. É por meio delas que as crianças expressam suas ideias e sentimentos, além das outras linguagens, tais como: desenhos, dança, canto, etc., porque a escrita ainda é muito inicial.

Eu atuo como estagiária junto à professora titular. Esta divide a turma em dois subgrupos. Um dos grupos, composto por dez a doze crianças, ela acompanha diretamente, porque avaliou como aptos na escrita do nome próprio (prenome). O outro grupo, que eu acompanho, varia entre dez e doze crianças, conforme a frequência às aulas. Estas são crianças que estão desenvolvendo a escrita do prenome e encontram-se na fase pré-silábica I e II (conforme a Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro).

A minha atuação nesse espaço escolar permitiu observar e registrar a maneira como as crianças narram seu cotidiano. Observo que as crianças se expressam por meio da fala no ambiente escolar, mas não são ouvidas e suas vozes são negadas. Percebo, a partir das narrativas orais das crianças, que seus relatos são de sofrimento, negligências, violação de seus direitos e deveres. Isso me proporcionou um olhar mais atento e sensível para direcionar uma atenção maior para o grupo de crianças que observo e acompanho, e, a partir dos relatos orais, das emoções e histórias de vida que as crianças expressam, identificar sua vida cotidiana, suas culturas, gostos, espiritualidade e identidade.

Portanto, durante a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula com as crianças na educação infantil é fundamental que o professor mantenha um diálogo constante de escuta do aluno, pois isso

é relevante no processo de ensino-aprendizagem. Enquanto a escola está direcionada para impor normas, disciplinas, vinculadas a uma lógica de escolarização precoce, com foco nos resultados de aprendizagem, é preciso encontrar espaços de escuta, ouvir as crianças e suas necessidades particulares.

5. Contextos familiares e narrativas infantis

As narrativas descritas a seguir permitem compreender os elementos que constituem a rotina das crianças e suas inquietações. “O ato de narrar, para a criança, é, portanto, uma ação de aprendizagem, que lhe permite tomar consciência de sua imprudência e mudar seu modo de agir.” (PASSEGGI, 2014, p. 142). As vivências familiares narradas no espaço escolar são referências para as crianças, pois, se reconhecem como parte delas e estabelecem relação com o mundo.

Contexto familiar da criança A: trata-se de um menino de quatro anos de idade, residente no bairro periférico do município de Sobral, conhecido por seu alto índice de violência e criminalidade. A narrativa aconteceu no dia em que estávamos realizando uma atividade sobre a escrita do seu nome enquanto eu, a professora estagiária, *treinava* a escrita do nome próprio de cada aluno. Em vez de se concentrar na escrita do seu nome, a criança A narrou a sua situação familiar. Atualmente, estão presos: a sua tia e a sua avó. O seu pai é vendedor de drogas. A criança relata constantemente que a polícia aborda seu pai na rua onde moram. Outra situação que marcou minhas observações foi a atitude que a mãe da criança teve ao ir deixar a mesma na escola: ela mostrou-se alterada com o comportamento da criança ao chorar porque queria um brinquedo que estava sendo usado por outra criança. A mãe bateu no rosto de seu filho, na presença de seus colegas e de outros pais no interior da sala de aula. A professora titular da turma relatou a situação para a coordenação, mas não houve maiores providências por parte da escola. **Narrativa da criança A:** “Tia, sabia que a polícia outro dia parou meu pai lá na rua, ele tava vendendo maconha! Ah tia, maconha é aquele bagulho que gente grande usa e cheira assim. Ah, tia você sabia que minha mãe hoje foi visitar minha tia no presídio, e ela só vai chegar tarde hoje.”

Contexto familiar da criança B: Trata-se de uma criança com quatro anos de idade, residente em um bairro violento próximo à escola. Ela é cuidada pela avó. A sua mãe cuida das outras filhas. A mãe da criança comercializa substâncias químicas (drogas) no entorno da sua casa. Apesar da criança ser cuidada pela avó, a mãe, sempre que pode, leva a criança à escola: ela mostra-se bastante preocupada com a filha durante sua permanência no ambiente escolar; faz várias recomendações à professora titular da turma, tais como: dar atenção, principalmente em conflitos com as outras crianças, para os colegas não baterem nela, empurrar, ou beliscar, para ter cuidado com objetos pequenos para não correr o risco da criança engolir. **Narrativa da criança B:** “Hoje minha irmã jogou um copo de vidro na mamãe, aí quebrou, aí ela chorou e minha irmã saiu de casa. Lá na rua não tá bom, minha mãe arranjou uma casa aí minha avó brigou porque ela saiu e não quer voltar.” A narrativa aconteceu durante a realização da atividade no livro.

Contexto familiar da criança C: trata-se de uma criança com quatro anos de idade, residente no mesmo bairro de seus colegas de sala com sua mãe. A mãe da criança tem uma relação homossexual. **Narrativa da criança C:** “Tia, eu sou menina ou menino? É porque eu não sei se sou menina ou menino. Tia, esse banheiro é de menina ou de menino? Tia, por que eu não posso ir para o banheiro dos meninos? Tia você é homem ou mulher?”

Esse relato ocorreu durante algumas idas ao banheiro, momento este que a criança sente-se mais confortável para estabelecer um diálogo com a professora estagiária. Na narrativa da criança C, percebemos o processo de construção individual de uma criança em perceber ou de se reconhecer no seu corpo: suas inquietações permitem uma conversa com a professora estagiária durante a ida ao banheiro sobre sua identidade corporal.

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo descrever e analisar a minha prática docente no contexto de uma escola da rede pública municipal de Sobral-Ceará, durante o vínculo de estágio na turma do infantil III, dando ênfase às observações e escuta das narrativas das crianças. As

narrativas das crianças A, B e C são relatos da convivência familiar e de como essas relações familiares influenciam nos papéis e posições apropriados pelas crianças no seu processo formativo. Vimos que a ausência de conteúdos voltados para os demais eixos do conhecimento na educação infantil, tais como, Sociedade e Natureza, Arte e Movimento, e não somente, Linguagens e Códigos, dificulta às crianças terem oportunidade de vivenciar questões que envolvem o contexto familiar e social, como um todo e expressar suas angústias e questionamentos do desenvolvimento infantil.

No decorrer dos *treinos* da escrita do prenome das crianças do infantil III, eu tinha uma atenção voltada para as narrativas dessas crianças, suas emoções, angustias, tristezas e alegrias, do contexto familiar e da construção de sua personalidade, momentos em que as crianças relatavam situações e percepções do seu cotidiano. Ouvir as crianças foi uma prática relevante que contribuiu para refletir e compreender o dualismo presente na proposta pedagógica da educação de Sobral e sua incoerência referente às Diretrizes voltadas para a primeira infância, na medida em que *treinam* crianças e anulam suas vivências.

O que é mais importante na formação das crianças? Por que não ouvir as crianças? Por que não utilizar suas vivências e narrativas para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem das crianças? Evidencia-se, nesta pesquisa, a necessidade de um aprofundamento sobre a concepção de infância subjacente à proposta pedagógica da Secretaria de Educação de Sobral, assim como a dimensão epistemológica de suas práticas docentes com crianças da primeira infância.

Essa vivência permitiu um constante diálogo reflexivo entre a prática educativa e a minha identidade como pedagoga, em processo de formação no espaço escolar. A minha participação no Grupo de Estudos e Pesquisas Autobiográficas (GEPAS) proporcionou-me uma autorreflexão e me instigou a escutar as crianças no momento em que o estágio exigia de mim o *treino* da escrita do nome próprio dos alunos. A pesquisa autobiográfica contribuiu para a minha formação continuada não só na construção profissional, mas também pessoal, proporcionando-me uma experiência de vivenciar e conviver de perto com os problemas e obstáculos da profissão, no contexto atual.

Referências

- ASTIGARRAGA, Andrea; GOMES, Carmem Silva; FERREIRA, Fernando. Os desafios da formação de educadores infantis na perspectiva interdisciplinar em escolas com política de resultados. In: **Atas do II Seminário Luso-Brasileiro de Educação de Infância-Investigação, formação docente e culturas da infância**, 2, 2016, Santo Tirso. **Anais...** Santo Tirso: WHITEBOOKS, 2017. P. 290- 300.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**. Figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRN, 2008.
- PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, v. 33, n. 33, 2016. Disponível em <revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682> Acesso em: 30 out. 2017.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto) biográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina. SAMPAIO, Carmen Sanches. PASSEGGI, Maria da Conceição. **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba, PR: CRV, 2014. p 133-148.